

05 JAN 1991

O tamanho da crise

A ECONOMIA brasileira está em recessão e não há ninguém hoje querendo esconder a realidade. Mas é preciso que se dimensione o real tamanho da crise, para evitar que, principalmente nos meios empresariais, sejam tomadas decisões precipitadas que somente contribuiriam para agravá-la, tornando mais distante a recuperação.

NENHUMA análise deverá deixar de levar em conta, por exemplo, dados há dias divulgados pelo IBGE: eles contrastam com previsões e prognósticos calamitosos sobre a produção industrial. Em novembro, quando, segundo avaliações de diversos especialistas, já teria ocorrido queda drástica nas vendas, a produção industrial manteve o mesmo ritmo de declínio dos meses anteriores. Nem mais, nem menos.

É UM ritmo que vem se mantendo praticamente desde julho de 1989, muito antes de ter-

sido concebido o programa de estabilização do Governo Collor. Efeitos diretos do plano puderam ser percebidos nas estatísticas de março, abril e maio de 1990, época em que o setor produtivo esteve efetivamente paralisado. Seria como se o ano passado tivesse tido apenas nove meses. E ao se comparar a produção dos "nove meses úteis" de 1990 com os 12 meses de 1989, o resultado não poderia ser outro: queda significativa (que no acumulado chegou a 8,2%, o que provavelmente levará o Produto Interno Bruto a um encolhimento da ordem de 3,2%, pelas previsões do Ipea, órgão de assessoria do Ministério da Economia).

A O se analisarem os números da produção industrial de julho a novembro de 1990, a conclusão é que não houve retração no setor de bens de consumo. A indústria de produtos alimentícios, por exemplo, até continuou crescendo, en-

quanto o setor têxtil declinou ligeiramente.

As estatísticas do IBGE mostram que a retração mais acentuada vem ocorrendo no setor de bens de capital. Como essa queda não teve contrapartida no setor de bens de consumo, deduz-se que os empresários passaram a avaliar a crise em tamanho maior do que efetivamente ela tem. Trata-se, portanto, de uma tendência preocupante, pois os investimentos são o motor que move a economia a médio e longo prazos. Se não se plantar agora, nada haverá depois para colher. O agricultor sabe disso; o industrial deveria saber.

As autoridades econômicas precisam prestar atenção ao fenômeno e procurar discuti-lo com o empresariado para que os homens de negócios possam tomar decisões corretas face ao quadro recessivo que terão de enfrentar.